



“O dogma não muda, mas debes vivê-lo no dia de hoje e não no de ontem”

Tempo, modernidade e tradição na pauta das Filhas de Maria. (1915-1965)

Maria Lucelia de Andrade¹

Universidade Federal do Ceará-UFC // Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: luceliandrade@gmail.com

ORIENTADOR: Francisco Régis Lopes Ramos ²

Universidade Federal do Ceará - UFC

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; Filhas de Maria; Imprensa.

A Pia União das Filhas de Maria era uma irmandade religiosa leiga composta exclusivamente por mulheres solteiras católicas. O modelo surgiu na Europa, e no Brasil ganhou visibilidade em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, quando a Igreja Católica do país passava por um profundo processo de mudança e reordenamento³. A nomenclatura oficial desta associação era Pia União das Filhas de Maria, no entanto, como no Brasil as irmandades leigas tinham um papel de grande destaque na religiosidade católica, quando as Pias Uniões começaram a ser instaladas nas paróquias brasileiras, as pessoas logo começaram a chama-las de irmandade das Filhas de Maria.

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC e doutoranda em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista FUNCAP.

² Graduação em História (UFC - 1992), mestrado em Sociologia (UFC - 1996) e doutorado em História (PUC/SP - 2000). Professor do Departamento de História da UFC. Bolsista produtividade do CNPq.

³ Com o fim do Padroado Régio, a Igreja se voltou para as orientações de Roma, buscando se fortalecer, no mesmo instante em que enfrentava uma série de mudanças propostas pelo Concílio Vaticano I. Esse processo de transformação ficou conhecido como Romanização e deu novas feições à Igreja no Brasil, uma vez que esta, até então, havia se submetido ao poder do Estado e não aos ditames do Papa. Em termos gerais, de acordo com Marta Abreu, o processo de Romanização pode ser entendido como sendo “Um movimento reformador da prática católica no século XIX, principalmente na segunda metade, que buscava [...] sacralizar os locais de culto, moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados em irmandades.” Cf.: ABREU, Marta. O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro. 1830 – 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 312.



III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades

Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

Mas ao contrário das irmandades que já existiam no Brasil, desde a Colônia, a Pia União das Filhas de Maria era uma associação organizada dentro dos moldes do catolicismo romanizado, seu controle e funcionamento dependiam da figura de um sacerdote, que assumisse o papel de diretor espiritual do grupo.

A Pia União das Filhas de Maria foi parte importante do processo de reorganização e fortalecimento da Igreja católica. Dar certo protagonismo às mulheres católicas organizadas nessas congregações possibilitou de imediato que a Igreja arregimentasse um grande número de fiéis empenhadas em defender as demandas católicas frente ao Estado brasileiro. Utilizando-se bastante da metáfora da guerra, nesse caso santa, era comum a igreja se referir à essas associações como “legião branca” ou “exército mariano”.

A “legião branca” de Maria era formada por jovens de camadas médias e altas das cidades brasileiras. Nas duas primeiras décadas do século XX, a Igreja implementou a instalação de pelo menos uma Pia União das Filhas de Maria em cada paróquia do país. Nas cidades maiores, era possível encontrar mais de uma Pia União, especialmente nas escolas católicas, que constituíam suas próprias associações, compostas pelas alunas desses estabelecimentos.

As regras que orientavam a Pia União das Filhas de Maria zelavam basicamente pela moral das jovens. Estabelecendo um rígido código de postura e vigilância mútua, as associadas deveriam ser modelos de moral e comportamento nas sociedades. Espelhadas em Maria, à elas eram vetados quaisquer tipos de comportamentos desviantes. “Como anjos sobre a terra” as Filhas de Maria deveriam ser “puras em tudo e em todo lugar”. Mas o que surgiu como uma associação voltada basicamente para a normatização do comportamento feminino, no Brasil ganhou outro viés.

Vendo o potencial aglutinador da associação, alguns setores da Igreja Católica viram nessas mulheres reunidas a possibilidade de mobilização social em prol das disputas enfrentadas pela Igreja. Por serem mulheres pertencentes a camadas sociais privilegiadas, em sua maioria eram também mulheres letradas. A prática da leitura estava intrínseca ao papel de Filha de Maria, tanto que juntamente com sua medalha



III Seminário Nacional de História e Contemporaneidades

Brasil: autoritarismo, cultura política e direitos humanos

Universidade Regional do Cariri-URCA, Crato-CE de 6 a 9 de Março de 2018

presa por uma fita azul cintilante, as associadas recebiam também um Manual, no ato do seu ingresso na Pia União. A leitura do Manual era compulsória e deveria ser diária. As ações e discussões dentro do grupo eram norteadas pela leitura, fosse do Manual, fosse dos opúsculos ou periódicos que a Igreja e/ou o diretor espiritual recomendava⁴.

Nesse esteio vem a lume, a partir do Seminário de Recife, “Maria – A revista das Filhas de Maria”. Com esta revista, de publicação mensal e distribuição nacional, os sacerdotes do Seminário de Olinda dava início a uma sistematização do projeto de organizar a “legião branca” espalhada pelo país.

O que em princípio pareceu apenas mais um impresso proselitista e de cunho moralizador foi se revelando um projeto mais consistente de fortalecimento da identidade da Filha de Maria como importante agente social. Para isso era preciso preparar e unificar essas mulheres em prol de causas comuns. Desse modo, logo no primeiro número de seu retorno, em abril de 1915, os editores já lançavam mão de um concurso cultural para que as leitoras escrevessem para a revista. A proposta era de que em breve “Maria” não fosse apenas uma revista feita *para* as Filhas de Maria, mas também *pelas* Filhas de Maria.

Enquanto a sociedade brasileira modernizava-se, as questões que influenciavam a vida cotidiana e, em especial, do gênero feminino começavam a aparecer na revista, vindas especialmente das Filhas de Maria, que expunham em seus textos opiniões e principalmente preocupações e dúvidas sobre as questões da modernidade para as quais suas orientações baseadas na tradição não ofereciam respostas.

Como “malabaristas” que se equilibram entre modernidade e tradição, essas leitoras habitam um espaço-tempo onde a tradição impunha sua força e a modernidade as seduzia com novas ideias, e assim, iam engendrando um novo (não tão novo) velho (não tão velho) tempo. Nesse processo de engendramento de um tempo mariano, essas mulheres lidam com seus horizontes de expectativa e seus espaços de

⁴ A esse respeito ver: ANDRADE, Maria Lucelia de. “Filhas de Eva como anjos sobre a Terra” - A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Departamento de História, Fortaleza, 2008.



experiência, distendendo-os ou comprimindo-os, gestando nas páginas da revista Maria seus próprios regimes de temporalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marta. O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro. 1830 – 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ANDRADE, Maria Lucelia de. “Filhas de Eva como anjos sobre a Terra” - A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. Departamento de História, Fortaleza, 2008.

HARTOG, François. “Tempos do mundo, História e escrita da História”. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.) Estudos sobre a escrita da história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

_____. Regimes de Historicidade – presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. Estratos do tempo: estudos sobre história. Tradução de Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora. PUC-Rio, 2014.

_____. Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.